



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A RECEPÇÃO CRÍTICA COMO PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO CAMILLO DE JESUS LIMA SOB O OLHAR DA CRÍTICA

Esmeralda Guimarães Meira*
(UESB)

José Rubens Mascarenhas de Almeida**
(UESB)

RESUMO

Este artigo apresenta a produção de conhecimento sobre o escritor Camillo de Jesus Lima, tomando como princípio metodológico a análise da recepção crítica de sua obra. Propõe-se uma visita à fortuna crítica do autor, apresentada em dois momentos distintos e sob duas perspectivas também distintas. Primeiro, busca-se relacionar e descrever alguns textos que veicularam em periódicos baianos durante o período em que ele escrevia e publicava suas obras; segundo, faz-se uma breve exposição do *post mortem*, no qual se inscrevem alguns ensaios, artigos e resenhas de ordem ou de aspecto acadêmico, em face do apagamento que sofre o nome do escritor na mídia com a qual colaborou como crítico de rodapé, cronista e poeta. Para atender ao percurso teórico-metodológico a pesquisa se fundamenta em estudos históricos em diálogo com a crítica literária.

PALAVRAS-CHAVE: Produção de conhecimento.Recepção crítica. Camillo de Jesus Lima.

INTRODUÇÃO

No final do século passado, às vésperas do terceiro milênio, o mundo assistiu a grandes mudanças no cenário internacional da política e, conseqüentemente, na produção dos conhecimentos. A humanidade daquele período se viu às portas de uma nova era, dada a dimensão estrondosa dos avanços

*Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Vitória da Conquista (PPGMLS/UESB). Compõe o Grupo de Estudos de Ideologia e Lutas de Classes (GEILC/MP). Docente do curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia/*Campus* VI. Membro do Grupo de Pesquisa Cultura Sociedade e Linguagens (GPCSL/CAPES) e líder do Grupo de Pesquisa Cultura e Literatura Baiana (GPCLB).

**Orientador. Doutor em Ciências Sociais pela PUCSP; docente do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, ambos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Vitória da Conquista (PPGMLS/UESB); coordenador do GEILC/Museu Pedagógico da UESB e pesquisador do NEILS (Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

das ciências e das novas tecnologias que mudaram radicalmente os paradigmas de convivência no planeta. Com a globalização da economia e a despolarização do sistema político mundial, marcada pela queda do muro de Berlim, o mundo unificado se depara com a imensa teia global dos sistemas de comunicações e de redes unificadas, que geram em qualquer direção o hipertexto.

É no contexto dessas mudanças, em escalas de possibilidades regional e global, que as novas gerações se projetam para produzirem novos conhecimentos, fundindo o presente com o futuro, resgatando as memórias e vivificando o passado, num movimento incessante, para descobrir *lugar de memória* (NORA, 1993). É dessa perspectiva que este texto se inscreve ao particularizar a investigação da produção de conhecimento sobre o autor, o fomentador, o homem Camillo de Jesus Lima, revelando algumas faces da recepção crítica a sua produção e destacando ainda a sua atuação como intelectual daquele tempo.

Em um primeiro grupo de leitores observados estão os que se posicionam sob o efeito da primeira leitura, numa crítica quase sempre despreziosa ou muitas vezes elogiosa; em uma segunda categoria, estão os leitores que se posicionam sob o crivo das teorias, numa visão analítica e sistemática. Não cabe aqui uma discussão dessas análises, pois objetiva-se somente relacionar e descrever, em linhas gerais, o olhar sobre o sujeito Camillo de Jesus Lima.

Da mesma forma que não existe *atodesinteressado* (BOURDIEU, 1997), pode-se afirmar que não há como desvincular o objeto que se pretende examinar de um determinado aparato que o prende, seja esse aparato teórico, linguístico ou estético. Coaduna com essa ideia a afirmativa de Bakhtin quando diz que “[...] cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade” (BAKHTIN, 1999, p. 33). Neste caso, quando os leitores falam como críticos, ocupando o lugar de formadores de opinião, o produto de sua interpretação precisa apresentar-se convincente aos olhos de novos receptores, estabelecendo uma relação sólida entre a representação e o



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

representado, ou diria, entre a literatura e a história, entre a ficção e a realidade. Nessa dinâmica, podem-se destacar aspectos ligados à história pessoal do escritor em questão, como a coletividade da qual fazia parte; também há de se considerar mecanismos estéticos e linguísticos, utilizados para tornar presente o que esteja ausente/representado. Pautando-se nessa premissa é que a interpretação da obra e dos textos críticos sobre Camillo de Jesus Lima se estabelece, considerando-se a construção das relações sociais, históricas e culturais em que a recepção crítica aconteceu.

Em visita à fortuna crítica do autor Camillo de Jesus Lima destacam-se algumas publicações que circularam em periódicos na Bahia durante o século XX, elegendo-se dois deles para esta investigação: *O Momento* e *A tarde*. Mas antes de se adentrar às páginas amareladas dos jornais, faz-se necessário uma breve retrospectiva sobre como esse meio de comunicação chegou ao Brasil e de que forma se propagaram os textos de literatura e de crítica literária através deles.

O jornal passa a fazer parte do cotidiano dos intelectuais brasileiros com a implantação da Imprensa Régia, em 1808, permitindo-lhes acesso à vida política e cultural da sociedade. E é também com a chegada da imprensa que a literatura conquista um lugar de veiculação através de periódicos, acessíveis a pequena parcela da população, dada a grande massa de analfabetos da época. Mas é certo que esses periódicos foram decisivos na circulação do conhecimento, uma vez que se contava praticamente como único meio de circulação de informações, motivando debates sobre política, literatura, cultura e sobre a sociedade em geral.

As chamadas gazetas preenchem a falta do livro impresso, tornando-se meio mais dinâmico para divulgação das produções literárias, substituindo a leitura de romances pelas crônicas jornalísticas ou ainda pela modalidade folhetinesca do romance. Naquele momento muitos romancistas brasileiros publicaram espaçadamente até a conclusão de todo um romance, uma vez que os



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

custos desse tipo de publicação eram menores, tendo ainda em vista as diversas dificuldades de editoração da época.

A imprensa baiana do século XX não ficou aquém da movimentação industrial de todo o país, principalmente do sudeste brasileiro. Além de jornais, a Bahia contou com várias revistas, muitas, é verdade, de vida efêmera, não passou do quarto número; traziam, geralmente, como objetivos, a mobilização dos jovens escritores e a divulgação da arte local. No início desse século escritores e intelectuais formavam agremiações em torno de ideais modernistas, numa perspectiva regional/local, como é o caso dos grupos que organizaram as revistas baianas *Samba* e a *Arco & Flexa*.

Um número significativo de periódicos circulou na capital baiana como também no interior da Bahia, facilitando acesso às informações. Dentre os que tiveram maior visibilidade estão o *Diário de Notícias*, o *Diário da Bahia*, *O Imparcial* e o *A Tarde*; no interior destaca-se, em Vitória da Conquista, o jornal *O Combate*, do qual Camillo de Jesus Lima foi redator. Pode-se dizer que a imprensa baiana desempenhou papel relevante na produção do conhecimento nas artes, na literatura e na política através de seus jornais, alguns consolidados, mantêm até hoje suas páginas abertas à sociedade baiana.

O início do século XX foi marcado por grandes catástrofes humanas. As histórias dos que foram aos campos de batalha são narrativas que ainda hoje ferem a alma de quem se presta à leitura dos enredos bélicos, com suas marcas indeléveis, fincadas na memória pelos estampidos de bombas e canhões, pelas sequelas psicológicas, sociais e políticas, impregnadas na história de quem foi à guerra; quem teve um ente querido, um amigo, um conhecido e mesmo um patrício no *front*. Walter Benjamin (1994) diria que, por mais que as narrativas expressassem a dor dos que voltaram das guerras, jamais conseguiriam reproduzir o sentir daqueles momentos. Foi, portanto, marcadamente nesse contexto de guerra que cresceu o menino Camillo de Jesus Lima, no sudoeste da Bahia, de onde,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mais tarde, ecoaria o canto de liberdade pelos injustiçados, eco proclamado em versos e prosa, voz de um revolucionário que deixa a sua marca como poeta, cronista, crítico literário, político e acima de tudo como um leitor das humanidades.

Camillo de Jesus Lima é baiano de Caetité, onde viveu até 1931. Depois de ter acompanhado o pai por várias cidades baianas e pelo norte de Minas Gerais, mudou-se em 1935 para Vitória da Conquista, onde participou ativamente da vida social, política e cultural. Autodidata, lia e escrevia em vários idiomas e falava bem o espanhol. Embora distante dos centros urbanos, suas leituras o tornaram um homem sem fronteiras, conhecendo dos clássicos universais aos escritores locais. A sua obra dialoga com a de intelectuais de esquerda como Marx, Lorca, Dostoiévski, Tolstói, Vítor Hugo, Jorge Amado e tantos outros. A militância no Partido Comunista resultou em sua prisão. Em 1964 ficou detido em Salvador por três meses, sendo liberado após esse período por falta de provas que o condenassem naquele momento. (MEIRA, 2012).

Camillo de Jesus Lima foi um leitor e um escritor “compulsivo”, como afirmou Saldanha(1987),mas sua obra se encontra ainda quase inteiramente inédita. Sua participação como fomentador das artes, das letras e da política se deu não somente no Sudoeste da Bahia como também na capital, transpondo, inclusive, as fronteiras geográficas do Nordeste brasileiro. Em Vitória da Conquista exerceu a função de professor, funcionário público e em 1937 fundou a Ala de Letras. Em 1941, com a participação de Laudionor Brasil, publicou *As trevas da noite estão passando*, antologia de cunho social, ousada para um tempo de guerra. Ganhou o prêmio “Raul de Leoni” e o título de “Maior poeta moço do Brasil” com o livro *Poemas*, publicado somente em 1944. Outros livros foram editados com baixa tiragem, distribuídos entre amigos e parentes: *Novos Poemas* (1945), *Viola Quebrada* (1945), *Cantigas da Tarde Nevoenta* (1955), *A Mão Nevada e Fria da Saudade* (1971) e *Livro de Mirian* (1973).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Embora tenha tido grande participação política e cultural na Bahia, principalmente em meados do século XX, Camillo de Jesus Lima é muito mais conhecido como poeta, talvez pelas publicações de seus livros de poesias entre os anos de 1941 a 1973. Mas a sua escritura se constitui de romances, contos, críticas, crônicas, traduções, estudos sobre a história política e social do período, além de uma análise sistemática sobre Karl Marx e o materialismo histórico. Na década de 60 Camillo de Jesus Lima assinava, como crítico de rodapé, a coluna “Literatura e Artes” do jornal *A Tarde*, em Salvador, sem deixar de colaborar com os jornais de Vitória da Conquista. Também escreveu para algumas revistas da época, a exemplo da revista *Leitura* (RJ) e *Cooperação* (BA).

Os estudos sobre a obra e sobre o homem Camillo de Jesus Lima ainda permanecem muito tímidos, embora alguns pesquisadores já tenham percebido a importância de se trazer para as mesas de debates a contribuição histórica de um homem que revolucionou o seu tempo, seja nas artes, na política ou na conduta. A importância desse escritor como intelectual que cooperou com a vida política e cultural de seu tempo poderá ser constatada nos resultados da pesquisa de doutoramento em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB), ainda em processo inicial, quando se pretende tratar da história e memória de um revolucionário.

Separa-se aqui a produção de conhecimento acerca da obra camilliana em dois tempos/lugares. Quando ele se torna mote de muitas críticas em jornais, através da chamada *crítica de rodapé* (SÜSSEKIND, 2002) – período áureo de suas publicações literárias e de sua militância política em consonância com a esquerda da época – sob o olhar de seus pares, escritores, críticos não autorizados e correligionários. *Post-mortem*, abre-se uma grande lacuna, denominada *tempo de esquecimento* (MEIRA, 2012). Nesse período poucos foram os estudos sobre o homem e sua obra, mas todos eles com significativas intervenções, ante o apagamento do nome do escritor-revolucionário na mídia. Esta nova produção de conhecimento parte de um olhar mais crítico, numa tentativa de reconhecimento



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

da falta, na busca de contornos que justifiquem o homem e o seu tempo e parte, principalmente, de uma perspectiva do campo acadêmico como lugar de onde se fala ou se faz ouvir (RICOEUR, 1997).

Tomo de empréstimo uma reflexão feita em *Muito além das tarde nevoentas* (2012) para explicar essa relação entre a crítica de rodapé e a crítica *scholar* em meados do século XX:

Os jornais constituíam-se o principal veículo de divulgação da crítica literária brasileira até meados da década de 1940, período em que se desencadeia uma verdadeira disputa entre o autodidatismo e a universidade, no que diz respeito ao julgamento crítico de uma obra literária. A partir dessa década, as faculdades de letras colocaram em campo críticos autorizados para tal. Instala-se, deste modo, um consistente embate entre “o homem de letras”, na verdade, um curioso que, através de resenhas e crônicas intuitivas e jornalísticas imprimia opiniões acerca da obra e o crítico *scholar*, que, dotado de conhecimentos que se fomentavam nos cursos de letras, realizava uma crítica especializada. Ao contrário do autor da crítica impressionista ou divulgada nos jornais, este privilegiava o livro como meio de divulgação da crítica formal e de matriz acadêmica. [...] Com os impasses criados entre os críticos *scholars* e os críticos autodidatas, as crônicas jornalísticas perderam muito do seu fôlego. Somente em fins do decênio de 1970, a escrita ensaística volta à cena por meio dos cadernos e suplementos literários cuja abordagem se realiza não apenas pelo viés paracientífico, vertente caracterizada como tratados de difícil acesso (MEIRA, 2012, pp. 63,67).

Embora seja de grande relevância conhecer todo o percurso editorial do que se publicou sobre este escritor baiano, faz-se necessário um recorte para esta exposição. Trazer à baila apenas dois jornais parece muito pouco ante o círculo que se formou em torno do nome Camillo de Jesus Lima, com menções as mais diversas – aparições em jornais locais, da capital baiana, de outros estados brasileiros e mesmo no exterior. Os textos selecionados dos diversos periódicos que circulavam na Bahia de XX foram classificados nesta pesquisa em entrevistas, resenhas,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

notícias, críticas de rodapé e literários. Destes interessam neste momento as críticas de Passos (1955), Matta (1956) e Bandeira (1955).

Bandeira (1955) resgata alguns versos do poeta Camillo de Jesus Lima para comprovar que *Cantigas da tarde nevoenta* (1955) é uma obra de ruptura, trazendo aos leitores do jornal *A Tarde* que percebia nos versos modernistas do escritor. O olhar do crítico apresenta uma leitura fragmentada ao destacar apenas um ou outro poema, o que tende a mostrar apenas uma faceta do autor. Entretanto, o crítico chama a atenção para o espírito revolucionário que se estende por grande parte do livro e defende em sua explanação que, embora esteja visível nas *Cantigas da tarde nevoenta* uma tendência em prol de determinada classe social, os versos de Camillo de Jesus Lima não se enquadram na rotulação da arte de encomenda ou construída sob pressão partidária. Bandeira destaca o caráter sociocultural da poesia camilliana e coloca a produção do poeta baiano entre a dos grandes expoentes da literatura universal.

Outra leitura crítica resgatada da crítica de rodapé, enunciada por J. Eurico Matta (1956a), classifica a produção de Camillo em “poesia primeira”, classificada por ele como “da adolescência” e a “poesia segunda”, a “da maturidade” (MATTÁ, 1956b). Na visão desse crítico vários elementos contribuíram para a postergação do conteúdo social na primeira fase da produção de Camillo de Jesus Lima, entre eles estaria a política de esquerda, tema emblemático na obra como um todo. O crítico denomina os sentimentos poéticos camillianos de antinazistas, destacando um eu lírico que pede paz e justiça em plena guerra – referindo-se ao livro *As trevas da noite estão passando* (1941), temática que ganha maior expressão na antologia *Cantigas da tarde nevoenta* (1955).

Uma apreciação feminina ao *Cantigas da tarde nevoenta* foi realizada pela poetisa Jacinta Passos (1955), publicação do jornal *O Momento*. Em seu texto, a estudiosa deixa clara a facção política à qual estiveram ligados. Passos assume com determinação a postura de mulher, poeta e militante, enfrentando barreiras



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

sociais, políticas e culturais; atribui ao seu companheiro de lutas, nuances identificadas com a poesia baiana, comprometida social e politicamente com uma humanidade mais justa. Ela e Camillo de Jesus Lima alimentavam o mesmo pensamento político, chegando ambos a serem filiados ao Partido Comunista e se valiam da própria produção literária em defesa e divulgação da ideologia socialista/comunista. Ela destaca em *Cantigas da tarde nevoenta* (1955) alguns poemas de muita sensibilidade em que se revela “a atitude do poeta”. A “desordem interior” – trecho de pensamentos e sentimentos – de que fala Jacinta Passos em sua análise ao *Cantigas da tarde nevoenta* não deixa de ser reflexo da crise pela qual passou o homem moderno, exposto a conturbações de ordem diversa, acreditando, entre outras, em saídas fundamentadas em ideologias que pensam o coletivo em detrimento de um direcionamento para as questões intimistas e subjetivas (MELLO E SOUZA, 1999).

Erigem-se, portanto, a partir do encontro entre a obra e seus leitores, constatações não desprovidas de certa perplexidade. O fato de a obra de Camillo de Jesus Lima ter alcançado grande repercussão na imprensa e entre os intelectuais naquele período, e hoje, curiosamente, estaria relegada ao silêncio e ao esquecimento, não fosse o despertar de alguns estudiosos para a sua importância na construção do conhecimento desse novo século, em que passado e presente dependem da *práxis* para consolidar um futuro menos duvidoso, possível de esperanças.

Dos olhares que nasceram das academias sobre a produção camilliana, apresenta-se aqui breve relação, não significando que todos que tenham se ocupado dessa temática estejam aqui citados.

Em 1987 o DELL/UESB publica a “*Antologia poética*”, organizada pelas professoras Zélia Saldanha e Anadete Gusmão. Neste livro encontra-se uma seleção de poemas éditos e inéditos. Depoimentos dessa referida pesquisa fazem parte do



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

vídeo “*Camillo Poeta de Jesus Lima*”, direção de Jorge Melquisedeque, exibido ao público no lançamento da antologia.

O nome de Camillo de Jesus Lima também consta na antologia *Poesia baiana no século XX*, organizada por Assis Brasil (1999) e, quebrando uma ordem cronológica para fazer referência a inserção do nome do poeta no contexto acadêmico desde meados do século XX, não se pode deixar de citar *Brasil e brasileiros de hoje* (1961), organizada por Afrânio Coutinho. Outros pesquisadores também lançaram um olhar especial à escrita de Camillo, com artigos, resenhas, ensaios e como pesquisa de TCC, estudos que trazem ao tempo presente uma obra ausente: artigo que destaca a importância do poeta Camillo de Jesus Lima e a imprescindível necessidade de tirá-lo do esquecimento, por (FONSECA, 1993); resenha sobre a poesia camilliana dos anos setenta, especificamente a publicada no livro *A Mão nevada e fria da saudade*, por (TANAJURA, 1998); análise literária de poemas que trazem como mote a temática da mulher na obra camilliana, por (MEIRA, 1998); artigo que trata do poeta social e do envolvimento político de Camillo de Jesus Lima com a esquerda e sua vinculação ao partido comunista, por (SOUSA; BORBOREMA, 2001); dissertação de mestrado do PPGEL/UNEB, intitulada *Muito além das tardes nevoentas: um estudo da lírica de Camillo de Jesus Lima*, defendida por (MEIRA, 2010), que ganhou publicação em livro pela EDUNEB: 2012, com o título *Muito além das tardes nevoentas: uma canção de teia de Camillo de Jesus Lima*, prefaciado por Aleilton Fonseca.

Em vista da dimensão da obra deixada pelo poeta baiano o GPCLB/CAPES/UNEB organizou o I COLIBA – Colóquio Cultura e Literatura Baiana em homenagem aos centenários Camillo de Jesus Lima e a Jorge Amado. O evento aconteceu no *Campus VI* da UNEB/Caetité e contou com participação de pesquisadores de várias instituições acadêmicas como a UEFS, UESB, UNEB, UFBA, ALB.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Entre os vários motivos propulsores dessa pesquisa está o aprofundamento dos estudos que já se vem desenvolvendo sobre Camillo de Jesus Lima, o que ajuda a tornar sua leitura indispensável tanto aos estudos da produção literária, por ser ele um dos maiores escritores que a Bahia de XX deu berço, como pela sua militância revolucionária seja na política, na literatura ou na conduta histórica que a memória social precisa reestabelecer.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BANDEIRA, Moniz. A poesia de Camillo de Jesus Lima. *A Tarde*, Salvador, 7 jul. 1955.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. I).
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1997.
- BRASIL, Assis (org.). *A poesia baiana no século XX: antologia*. Rio de Janeiro: Imago/Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1999. p. 44-47.
- COUTINHO, Afrânio. *Brasil e Brasileiros de hoje* (enciclopédia de biografias), 2 v. Rio de Janeiro: Foto Service, 1961.
- FONSECA, Aleilton. Camillo de Jesus Lima: um poeta para ser lembrado. *Revista Exu*, Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, n 29, 1993, p.29.
- LIMA, Camillo de Jesus. BRASIL, Laudionor. *As trevas da noite estão passando*, Vitória da Conquista/Bahia: Editora *O Combate*, 1941.
- _____. *Poemas*, Vitória da Conquista/Bahia: Editora *O Combate*, 1944.
- _____. *Novos poemas*, Vitória da Conquista/Bahia: Editora *O Combate*, 1945.
- _____. *Viola quebrada*, Vitória da Conquista/Bahia: Editora *O Combate*, 1945.
- _____. *Cantigas da tarde nevoenta*. Salvador: Ed. S.A. Gráficas da Bahia, 1955.
- _____. *A mão nevada e fria da saudade*, Edições Mar: Vitória da Conquista, 1971.
- _____. *O livro de Miriam*. Edições Mar: Vitória da Conquista, 1973.
- MATTA, J. Eurico. A poesia primeira de Camillo de Jesus Lima. *A Tarde*, Salvador, 19 abr. 1956a.
- _____. A poesia segunda de Camillo de Jesus Lima. *A Tarde*, Salvador, 2 jun. 1956b.
- MEIRA, E.G. Mulheres sob o olhar do poeta Camillo de Jesus Lima (algumas imagens). *Revista Heléboro*, Vitória da Conquista: UESB, ano 1, n 2, 1998.
- _____. *Muito além das tardes nevoentas: uma canção de teia de Camillo de Jesus Lima*. Salvador: EDUNEB, 2012.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

- _____. *Muito além das tardes nevoentas: um estudo da lírica de Camillo de Jesus Lima.* (dissertação de mestrado, defendida em agosto de 2010) Salvador/Bahia.
- MELLO E SOUZA, Nelson. *Modernidade: a estratégia do abismo.* 2 edição. Campinas: Unicamp, 1999.
- NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, nº 10, dez. 1993 p. 7- 28.
- PASSOS, Jacinta. Cantigas da tarde nevoenta. *Momento*, Salvador, 16 dez. 1955.
- SALDANHA, Zélia Nunes & GUSMÃO, Anadete Mota. *Antologia poética – Camillo de Jesus Lima.* Vitória da Conquista: UESB, 1987.
- SOUSA, Maria Aparecida S; de BORBOREMA, Carlos Gomes. Literatura e Política: a trajetória de um poeta militante no interior da Bahia. *POLITEIA: Hist. e Soc.*, Vitória da Conquista, v.1, n.1, 2001, p. 225-246.
- SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados.* 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.
- TANAJURA, Mozart. A Mão Nevada e Fria da Saudade: poesia de decadência? *Revista Heléboro*, Vitória da Conquista: UESB, ano 1, n 2, 1998, p.43.